



CNM-CUT Internacional

Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT Ano III n.º 15 01.05.03

Participação e luta por emprego e salário

JOÃO FELICIO

Passados 20 anos de sua criação, a CUT e os brasileiros vivem um 1º de Maio muito especial. Temos à frente da nossa nação, pela primeira vez, um presidente oriundo das classes trabalhadoras. Com ações descentralizadas em nove locais diferentes da Grande São Paulo e do ABC paulista, a CUT no dia de hoje tem muito a comemorar. É a quinta maior central sindical do mundo, a maior da América Latina e congrega 3.319 sindicatos brasileiros e representa 21 milhões de trabalhadores.

O formato das comemorações é o mesmo do ano passado, quando fomos às periferias falar não exclusivamente com sindicalistas, mas com a população em geral, uma maioria que nem sempre conhece a CUT ou a importância dos movimentos populares para a classe trabalhadora. A programação cultural e política inclui o relato do andamento das reformas da



Previdência, tributária, sindical e trabalhista, agrária e de governo e a participação da CUT nas discussões. É um momento privilegiado para lembrarmos as lutas dos trabalhadores no mundo em todos os tempos e para reafirmarmos a nossa determinação em participar desse momento tão rico da história política nacional, em que as expectativas e os problemas a serem enfrentados são muitos e complexos.

Temos participado com prazer de todos os fóruns propostos pelo atual governo para discutir questões relativas à vida dos trabalhadores e da população. Nunca, nestes 20 anos de existência, tivemos um interlocutor que nos respeitasse e reconhecesse a nossa importância. Com o presidente Lula, essa possibilidade é real. A palavra negociação passou a ter um novo significado, mais sério e profundo, para debater e apontar soluções para acabar com mazelas que envergonham o país, como trabalho infantil e escravo, preconceito racial e de gênero, baixa formação educacional e profissional, falta de moradia e de terras; sem falar da falta de emprego, de liberdade e autonomia sindical.

Queremos estar juntos para avançarmos na democratização do Estado brasileiro, e a negociação é o pressuposto básico da democracia participativa. Além do desejo de participação política, permanecem atuais as lutas por emprego, salários, distribuição de renda e garantia de direitos. Os desafios são muitos. O exercício da autonomia em relação ao governo Lula é uma experiência nova e, talvez, o maior desses desafios para os cutistas. Estamos enfrentando essa nova situação sem comprometer nossa autonomia e com a responsabilidade de ter ajudado a eleger Lula.

O país precisa de reformas para avançar com distribuição de renda e justiça social. É visível a herança econômica de governos anteriores no que se refere ao mercado de trabalho e à situação geral dos trabalhadores. Dados do Seade/ Dieese revelam que a taxa média de desemprego de dezembro de 2002, nas principais regiões metropolitanas brasileiras, ficou bem acima do início do Plano Real, em 1994.

Nesse ponto, nós solidarizamos com os trabalhadores do resto do mundo. Segundo a OIT, existe, em todo o mundo, 1 bilhão de desempregados. Nos países do Mercosul esse índice está em torno de 19%. Nas duas regiões que melhores salários pagam no Brasil e na Argentina - Grande São Paulo e Grande Buenos Aires -, metade dos assalariados ganha até U\$ 120.

É importante lembrar que o alto desemprego também se deve às práticas de utilização da mão-de-obra. Em 2002, quase 29 milhões de trabalhadores -40% do total de ocupados- realizavam jornadas superiores ao teto constitucional, de 44 horas. Isso quer dizer que uma reforma trabalhista que contemple a redução da jornada de trabalho e promova o controle do uso de horas extras, como a CUT defende, poderá contribuir para uma queda significativa do desemprego.

Sobre a reforma da Previdência, que defendemos desde 1995, ela deve buscar incluir os 55% da população totalmente excluídos. Defendemos uma Previdência Social pública num sistema único e universal e um teto de 20 salários, que cobre cerca de 95% dos trabalhadores da área privada e cerca de 90% dos da área pública.

Porém, na proposta enviada ao Congresso ontem pelo governo, há pontos dos quais a CUT discorda veementemente. Somos contra a taxaço de um inativo que ganhe R\$ 1.058; não aceitamos a elevação de idade de forma linear, porque acaba prejudicando o mais pobre, que entra no mercado de trabalho mais cedo e terá que contribuir por mais de 40 anos com a Previdência. Também não há nenhuma garantia de que, no setor público, os aposentados terão reajustes de acordo com a inflação. Vamos nos mobilizar para que esses pontos da reforma não sejam aprovados.

Queremos uma reforma tributária que desonere a produção e que diminua a carga tributária das pequenas e médias empresas; propomos a criação de mais alíquotas, diminuindo o Imposto de Renda pago pela classe média mais pobre, e reivindicamos o imposto sobre heranças e latifúndios improdutivos. Muitas dessas propostas já estão contempladas nas do governo.

No âmbito da reforma trabalhista, a CUT propõe alterações importantes na CLT, todas baseadas na ampliação do atual patamar de direitos já assegurados. É necessário um novo código trabalhista para o país.

Mais do que uma legislação sobre direitos mínimos, o equilíbrio nas relações de trabalho requer a existência de sindicatos livres, autônomos, representativos e independentes, por isso a necessidade da legalização imediata das centrais sindicais e a implementação dos contratos coletivos nacionais e a organização por local de trabalho.

A CUT também defende a redução da jornada de trabalho sem redução de salários e benefícios e a limitação das horas extras, bem como a efetiva fiscalização e coibição do trabalho escravo e degradante e do trabalho infantil. No entanto sabemos que só haverá emprego digno e salário decente com crescimento econômico, e esse é o grande desejo da classe trabalhadora.

João Antonio Felicio, 52, professor, é presidente nacional da CUT (Central Única dos Trabalhadores).



Comemorando a Solidariedade Internacional

Uma mensagem para o Primeiro de Maio

Todo ano, há mais de cem anos, o movimento sindical , com poucas exceções, comemora no mundo inteiro o Primeiro de Maio.

Nós vamos comemora-lo novamente na próxima semana.

É um dia a ser dedicado especialmente à solidariedade internacional , e isto é mais importante do que nunca, agora que tantas forças tentam nos dividir .

Isto é especialmente verdadeiro depois da recente guerra no Iraque, com as tensões num ponto tão alto - e não apenas entre alguns países árabes e ocidentais, mas também entre países "da coalizão" e "não da coalizão" e no interior mesmo dos países. Todos nós temos a responsabilidade de trabalhar juntos para construir laços que tornem mais fácil para as nações trabalharem juntas por uma paz sustentável .

A paz só pode ser construída se programas econômicos sustentáveis, que objetivem melhorar os padrões dos trabalhadores e de suas famílias, forem aplicados nas regiões e países onde a sua necessidade fôr a maior .

O movimento sindical internacional deve mobilizar todas as suas forças no mundo inteiro porque os trabalhadores em todos os lugares estão em grande dificuldade e lutando duramente .

Marcello Malentacchi



Diante da crise econômica, alguns devem lutar apenas para manter direitos conquistados. Alguns devem continuar a sua luta para conseguir direitos fundamentais, tais como o de pertencer a um sindicato ou de negociar coletivamente. Muitos estão lutando duramente para construir a democracia em seus próprios países.

Não vamos esquecer os trabalhadores migrantes e os refugiados . Alguns foram forçados a deixar os seus países em busca de segurança . Outros deixaram suas casas para encontrar um lugar onde começar uma nova vida para si mesmo e para suas famílias .

O Primeiro de Maio é o dia que todos nós devemos marchar nas ruas para mostrar que nós temos os mesmos ideais . Não importa onde vivamos ou o que fazemos. Não importa a nossa cor ou o nosso credo .

Vamos usar o dia para mostrar que temos um grande movimento além de todas as fronteiras.

Viva o Primeiro de Maio !

A handwritten signature in black ink, which appears to read "Marcello Malentacchi".

Marcello Malentacchi,
IMF General Secretary

Manifesto da CIOSL para o 1º de Maio



Neste dia, 1º de Maio de 2003, trabalhadores e trabalhadoras de todos os continentes estão reunidos para celebrar as conquistas do movimento sindical, olhando para o futuro. A luta dos trabalhadores e trabalhadoras e de seus sindicatos tem conseguido decência, dignidade e respeito para muitas pessoas.



Neste 1º de Maio, dia do trabalho, exigimos **Respeito**.

Exigimos **Respeito** aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, ameaçados por poderosos interesses econômicos globais.

Exigimos **Respeito** aos direitos e preocupações dos/das jovens do mundo, que buscam construir um futuro através da educação e de empregos bons e seguros.

Exigimos **Respeito** pelos pobres, tomando medidas para por fim à pobreza e à exclusão.

Exigimos **Respeito** para todos mediante a promoção e defesa de serviços públicos de qualidade.

Exigimos **Respeito** à saúde e segurança dos trabalhadores/as, através da redução do terrível número dos que resultam mortos, feridos ou enfermos no local de trabalho, e da busca de um desenvolvimento sustentável.

A comunidade internacional enfrenta importantes desafios neste momento da história, especialmente após a guerra do Iraque. As perspectivas para a economia global são pouco alentadoras e a confiança na vontade e na capacidade dos governos para trabalharem juntos está bastante reduzida.

Devem ser empreendidas ações globais coordenadas para estimular a economia global, restaurar a confiança nas Nações Unidas e consolidar a governabilidade democrática global no interesse de todos.

Também devem ser tomadas medidas para alcançar e consolidar o desenvolvimento, através de serviços públicos de qualidade e o **Respeito** aos direitos dos trabalhadores/as com vistas à reunião da OMC em Cancún, México, no mês de setembro deste ano.

E da OIT até os locais de trabalho, passando por governos, sindicatos e organizações de empregadores, deve-se combater a infâmia da discriminação contra a mulher, contra os trabalhadores/as migrantes e os grupos marginalizados.

Hoje, o movimento sindical se compromete a ampliar sua luta em favor dos direitos e da subsistência dos trabalhadores e trabalhadoras, a favor da democracia, dos direitos humanos, da paz e do **Respeito** para todos.

Nos manteremos unidos para organizar e mobilizar os trabalhadores e trabalhadoras com a finalidade combater a exploração, a opressão e a discriminação.

E consolidaremos a solidariedade global visando a construção de um mundo justo e democrático onde todos e todas possam viver suas vidas com **Respeito** e dignidade.

Vida Longa para a solidariedade sindical!

www.icftu.org

CNM-Internacional é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada

Presidente da **CNM** : Fernando Lopes

Jornalista Responsável : Antonio Castro (MTb 36.741/SP)

✉ internacional@cnmcut.org

<http://www.cnmcut.org.br>